

ETAPA CANOAS

1. AGUAS DE AFETO

Ritmo: Milonga

Cidade: Guaíba/RS

Letra: Mário Terres

Melodia: Manoel Souza

Teclado: Marcos Pehl

Violão e vocal: Dilson Joia

Acordeon e vocal: Roberson Paquito

Contrabaixo: Manoel Souza

Intérprete: Fabiano Bacchieri

AGUAS DE AFETO

O céu cinzento renunciou o tempo feio
mas o receio é do que vem, se vai durar...
porque faz pouco que o rio rachou no meio
enchendo tudo, sem dar chance de escapar!

O sal dos olhos deu lugar ao suor do rosto
até o agosto as coisas tem que melhorar
baixaram águas, o capataz saiu do posto...
num grito largo pôs o mundo a trabalhar!

Fraternidade desde o velho até a criança,
limpando o barro e refazendo esse rincão
tantas mãos dadas, num enlace de esperança,
o afeto é água que transborda o coração

Perdeu-se tudo, desde o simples às lembranças
jamais perderam o valor e a caridade
num mutirão de gente que traz por herança
olhar pra frente e servir sem ter vaidade

Hoje as memórias, são histórias tão recentes
águas passadas não destroem a identidade
pois é preciso ter coragem, olhar pra frente,
porque a enchente uniu o mundo em caridade.

2. O QUE A AGUA NÃO LEVOU

Ritmo: Canção

Cidade: Cerro Largo/RS e Santo Antônio da Patrulha/RS

Letra: Luis Fernando Gastaldo

Melodia: Arison Martins

Análise Severo: voz

Jean Kirchoff: voz

Emerson Martins: violão e voz

Arison Martins: Percussão e voz

Baixo: Kiko Garcia

Guitarron: Zulmar Benitez

Flauta: Daniel zanotelli

Arranjo: Arison Martins

Interpretação: Os Comp4dres

O QUE A AGUA NÃO LEVOU

Veio a água e sem licença
invadiu campo e cidade,
foi derrubando paredes
retratos, sonhos, saudades.
E assim entrou pelas casas
feito um pranto sem fim,
deixando barro nas portas,
no pão, na mesa e em mim.

Levou roupas, levou berços,
levou o pouco guardado,
levou um sonho de vida
de um rancho recém-pintado.
Na fúria da correnteza,
foi levando o próprio chão,
mas descobriu que este povo
faz da perda uma oração.

**O que a água não levou
foi a fé desta querência,
foi a mão buscando a mão
na hora da resistência.
O Rio Grande levantou**

**mesmo com barro na face,
porque o amor, quando é
semente,
até na enchente renasce.**

E quem tinha pouco em casa
repartiu como podia,
um cobertor, um abraço,
um mate, uma companhia.
O povo virou família,
o pranto virou razão,
e cada gesto pequeno
se tornou reconstrução.

Há quem perca quase tudo
e ainda ensine a esperança,
porque a fé dentro da alma
nenhuma água alcança.
E quando baixam as águas,
fica a marca e nasce a flor,
pois onde o pranto foi grande,
maior se fez o amor.

3. AGUADAS

Ritmo: Chamarra

Cidade: Porto Alegre/RS

Letra e melodia: Cleiber Rocha

Violão e vocal: Éverson Maré

Acordeon: Leonardo Ferreira

Percussão: Matt Thofehn

Contrabaixo e vocal: Costa Lima

Vocal: Mylena Ferreira

Intérpretes: Cleiber Rocha, Cláudio Amaro e Edson Vieira

AGUADAS

De repente as águas vieram com tudo, com uma força descomunal
Inundando leitos e vales, campo e cidade, interior e capital
Mal deu tempo pra sair de casa e para muitos nem mesmo isso deu
As aguadas provocaram enchentes e a inundação aconteceu.

A chuva forte nos castigou por vários dias e noites a fio
Uma enxurrada bagual que fez transbordar açudes, lagoas e rios.
O instinto de sobrevivência nos fez escapar sem olhar para trás
Na coragem de todo aquele que de arriscar sua vida foi capaz

**GAÚCHOS SOMOS VALENTES E AGUERRIDOS
ANTEPASSADOS JAMAIS SERÃO ESQUECIDOS
POR MAIS QUE VENHAMOS A TROPEÇAR E CAIR
LEVANTAREMOS PRONTOS PARA RECONSTRUIR**

O cenário de destruição foi semelhante a um campo de guerra.
As águas romperam barragens e pontes, devastando esta terra
Eram tantos os mortos, feridos e desaparecidos
Milhares de flagelados foram acolhidos em vários abrigos.

Muitos vieram em solidariedade para nos ajudar
Militares juntos com civis no intuito de a todos resgatar
Uns ficavam na linha frente outros a distribuir doações e atendimentos
Socorrer o povo gaúcho e amenizar todo o seu sofrimento.

4. A CULPA NÃO FOI DO RIO

Ritmo: Canção

Cidade: Lavras do Sul/RS, Santo Antônio da Patrulha/RS e Pelotas/RS

Letra: Gujo Teixeira

Melodia: Nilton Junior da Silveira e Robledo Martins

Bateria: Marco Michelin

Baixo: Mário Tressoldi

Guitarra: Adriano Sperandir

Piano e arranjo: Nilton Jr

Intérprete: Márcia Freitas

A CULPA NÃO FOI DO RIO

A culpa não foi do rio
Ele queria passar...
Mostrar os seus desvarios
Que sempre levou pro mar.

Passava ali toda a vida
No seu andar de encantos
De rio que desenha o vale
Matando a sede de tantos.

Cruzou contando histórias
Que ouviu do tempo fechado
sem perceber que levava
O que não foi combinado.

Passou com fúria de enchente
Além do que foi normal
E o povo viu a cidade
Ir embora em seu caudal.

Que triste, chorou o pai,
A mãe, e um pago inteiro
-Seus filhos são barcos leves,
Se indo no rio ligeiro !

Depois que passam as águas
Nada fica como antes,
E o povo então se dá conta
Que sonhos são navegantes.

Depois um, ajuda o outro
Coisas da gente daqui...
Que estende o braço até onde,
Consegue se dividir.

Vai ser um tempo difícil
Da vida em seu desafio.
Chorar talvez não resolva:
-Vai dar mais água pro rio !

Quem sabe aprenderemos
A respeitar mais a terra
Que quando manda recados,
Acerta mais do que erra !

A culpa não foi do rio,
É o tempo cobrando o preço...
Hoje o destino de um povo,
Tem nome de recomeço.

5. TAPERAS

Ritmo: Canção
Cidade: Viamão/RS e Porto Alegre/RS
Letra: Leonardo Quadros
Melodia: Guilherme Castilhos

Violão: Leonardo Quadros
Violão: Guilherme Castilhos
Violão: Érlon Péricles
Flauta: Texo Cabral
Viola: Gustavo Brodinho
Baixo: Cássio Castilhos
Intérprete: Vinícius Brum

TAPERAS

Pátio de terra, bem varrido, bem cuidado
Um Galpãozinho frestado para as sextas do verão
Erva na tulha, quirela, milho quebrado
Canto de galo, afinado, que despertava o rincão

Tudo era lindo, por ali tudo vivia
Desde o sol, que dá bom dia ao Luar que diz Adeus
Lenha de mato, Aroeiras de puro cerno
Aquecendo o frio do inverno, o rancho, um cobertor de Deus

Tempo marcado sem o ponteiro das horas
Com a chuva o campo aflora, faz a semente brotar
Por ironia, a benção se fez lamento
Encharcando os bons momentos, que vivi neste lugar

Hoje só resta uma tapera sem trilha
Os retratos de família e um silêncio, de doer
Pelas paredes, junto às fotos, desbotadas
Marcas da enchente passada que afogou um viver

Pela lembrança de tudo o que foi embora
Sozinha a Tapera chora, chora o Salso Chorão
Meus olhos tristes, quinha, com muitas goteiras
Apodrecendo a madeira do esteio do coração.

6. A INSÔNIA DA AMAZÔNIA

Ritmo: Milonga

Cidade: Pelotas/RS e Capão do Leão/RS

Letra: Dilan Camargo

Melodia: Everson Maré

Violão: Everson Maré

Baixo: Ricardo Silva

Percussão: Matt Thofehrn

Gaita: Geovane Marques

Flauta: Gil Soares

Arranjo: Everson Maré

Intérpretes: Alex Moreira, Robledo Martins e Everson Maré.

A INSÔNIA DA AMAZÔNIA

Na insônia da Amazônia
um incêndio de insânia
a verde floresta em chamas
o solo ferve, reclama
fogo arde em céu aberto
o verde vira deserto.

Na insônia da Amazônia
a motosserra desmata
mata ramos e raízes
a brisa já não balança *
um jardim se esvai em cinzas
a terra nunca descansa.

Gaia, Gea, hileia!
A Terra-Floresta clama.

Os Yanomamis nos chamam.

Na insônia da Amazônia
um inferno na floresta
queima o sonho do poeta
de uma natureza em festa *
não se cumpre a promessa
de uma eterna primavera. *

Na insônia da Amazônia
os Yanomamis nos chamam
Pindorama sem garimpo
o ouro é o ser humano
o solo, os rios e um céu limpo
num planeta soberano.

*Intertextualidade com os poemas “Navio Negreiro” de Castro Alves e “A Pátria” de Olavo Bilac.

7. FUNDO DO PAGO

Ritmo: Milonga

Cidade: Porto Alegre/RS

Letra: Vinícius Brum

Melodia: Érlon Péricles

Violão: Léo Quadros

Gaita: Tiago Quadros

Bateria: Maninho Pinheiro

Baixo: Cae Arrais

Intérpretes: Vinícius Brum e Érlon Péricles

FUNDO DO PAGO

ATACA ESSA MILONGA EM SEU CAVALO
E VAI COM ELA PELO MUNDO, ENGARUPADO...
MILONGAS XUCRAS GALOPANDO CAMPO AFORA,
VÃO TE LEVANDO PRO FUNDO DO PAGO!

Milongas buenas vão cruzando de a cavalo,
Levando a alma do meu povo milongueiro...
Vão se sumindo na poeira do corredor,
Curando a dor de quem se entrega por inteiro.

Crinas ao vento, milongueando nostalgias...
Carregam mágoas, esperanças e alegrias,
Os nossos sonhos milongueiros vão passando
Num bordoneio até o final dos nossos dias.

Causos antigos, tradições, revoluções,
Terra gaúcha, peito aberto, vida e luz,
Fogo de chão onde rebato meus tições,
Cada pessoa sabe o peso de sua cruz...

Que o tempo seja compassado em seu destino,
Deixe sementes deste canto em que me aprumo,
E nas pegadas que eu deixar no chão sulino
Traga milongas chimarreando novos rumos.

8. RENASCIMENTO.

Ritmo: Milonga

Cidade: Uruguaiana/RS

Letra e melodia: João Quintana Vieira

Violão e vocal: Vane Vieira

Acordeon: Kauê Rodrigues

Baixo e vocal: Henrique Bagesteiro

Teclado e vocal: Fábio Peralta

Bateria: Márcio Porto

Interpretação: Su Paz, João Quintana e Grupo Parceria

RENASCIMENTO

RENASCER É ABRIR AS ASAS E VOAR

TRANSCENDER O TEMPO E SONHAR

UNIR AS MÃOS E ANDAR (PASSO A PASSO, LADO A LADO)

"MÃOS DE RÉDEAS E DE ARADOS, MÃOS URBANAS OU RURAIS"

NO SUL DO SUL É TEMPO DE RECONSTRUIR, HORA DE RECOMEÇAR

NO SOLO FÉRTIL VAI GERMINAR O GRÃO

QUE SACIA A FOME, TRANSFORMADO EM PÃO

ASSIM É MINHA GENTE QUE SABE DE COR

QUEM PARTILHAR O BEM TORNA O MUNDO MELHOR

RENASCE MEU RIO GRANDE, COM ESPERANÇA NO OLHAR

A LUZ DE UM NOVO TEMPO VAI BRILHAR

"RENASCE MEU RIO GRANDE É TEMPO DE RECONSTRUÇÃO

MINHA QUERÊNCIA, MEU NINHO, MINHA TERRA, MEU CHÃO."

NAS RETINAS ESTÃO GUARDADAS

AS CUMIEIRAS ENCHARCADAS

MINHA GENTE FLAGELADA

SEM SABER PRÁ ONDE IR

MAS COM GANAS DE VENCER

PORQUE CADA AMANHECER

TRÁS ÂNSIAS DE PROSSEGUIR

RENASCER

É TRANSFORMAR O CAOS EM LINDA FLOR

RECOMEÇAR A VIDA COM FÉ E AMOR

"SER DA LÁGRIMA CAÍDA

SOBRE A TERRA ENTRISTECIDA

O BARRO ONDE O GAÚCHO SE MOLDOU"

9. A TAPERA E EU.

Ritmo: Milonga

Cidade: Canoas/RS

Letra: Thiago Suman e Guilherme Suman

Melodia: Pedro Guerra

Violão e vocal: Pedro Guerra

Contrabaixo: Costa Lima

Acordeon: Ronison Borba

Cello: Luyra Dutra

Intérprete: Kako Xavier

A TAPERA E EU

Esse casebre é um labirinto
Das memórias imprecisas,
E o esqueleto de madeira
Pouco a pouco fossiliza.

Foi morada, hoje é ruína
Pela tábua que empena,
E os pregos na parede
Abrem chagas nazarenas.

Residência dos lamentos
-Um lugar que me pareço-
Um museu de alegrias
Que perdeu-se do endereço.

**Antes casa, hoje tapera
Hoje velho o que era moço.
Foi-se o balde sem roldanas
para o fundo de um poço.**

**Só me restou tapera
do que um dia foi galpão
No despejo dos fantasmas
o inquilino é a solidão**

Há um oco nas cumeeiras,
E o oitão já apodrece.
Cada qual das costaneiras
Descascando, envelhece.

A tapera antes galpão
Sem porta, telha, enfim...
Vai virando lentamente
um santuário de cupim.

No ranger da dobradiça
Emperrou-se a janela...
A casa velha desmancha
Enquanto eu pareço ela.

10. ARUEGAS

Ritmo: Chacarera

Cidade: Porto Alegre/RS e Uruguaiiana/RS

Letra: Rafael Ovídio

Melodia: Hílton Vaccari

Violão e vocal: Hílton Vaccari

Acordeon e vocal: Paulinho Cardoso

Piano e vocal: Luís Mauro Filho

Baixo e vocal: Nico Bueno

Bateria e vocal: Lucas Fê

Intérprete: Léo Almeida

ARUEGAS

Na fronteira irmão, na fronteira...
Lá no céu tem um rabo de galo,
Nuvem chumbo no tempo fechado,
Tem garoa chegando no pago.

Nas paineiras, irmão,
A neblina chegando de lado,
Poncho molhado, chapéu tapeado,
CUSCO, raio e trovão.

Na porteira, irmão,
Rastro de casco no barro,
O gaúcho anda meio cansado,
Gota d'água na turva visão.

Chuva forte, irmão,
Na boca um palheiro apagado,

Chuva e chuva em lombo de gado
Atolando na estrada de chão.

Vai boi, vai boi, vai boi, vai boi,
Vai boi, vai boi...

Boi na chuva vai, mugindo vai,
Vai boi, vai... Vida de tropeiro,
Chuva, estrada, boi vai...
Sina de um campeiro,
Tempo louco foi que foi...

De ponteiro, irmão,
Na culatra ficou o passado,
Um taura tocando o cavalo
Assobiando co'as rédeas na mão.

11. O AZUL DOS MEUS OLHOS

Ritmo: Milonga Moçambique

Cidade: Tramandaí/RS

Letra e melodia: Mário Tressoldi e Chico Saga

Tambor e voz: Flávio Junior

Violão, arranjo e voz: Mário Tressoldi

Violão e voz: Chico Saga

Baixo e Vocal: Germano Reis

Acordeom: Maikel Luz

Bateria: Marco Michelin

Interpretação: Grupo Chão de Areia

O AZUL DOS MEUS OLHOS

O azul de meus olhos viu
Guarani a me batizar,
Nas curvas do meu desenho
Havia um nome pra eternizar...

A vida mudou o meu rumo,
Eu caminhei ao sabor do vento,
Achei a filha do *Quadros
Que me acolheu com o seu alento.

O azul de meus olhos viu
O europeu chegar aqui,
O negro bater tambor
Com a leveza de um guri.

A dona do *Armazém
Também cruzou meu caminho,
No leito do seu abraço
Era impossível ficar sozinho.

**Preciso de gente que escute o que
clamo, (socorro!)
Que leve a ganancia pra longe daqui,
(urgente!)
Não suje a vida de tantos que amo.
(cuidado)
Nasci transparente hoje sou o que
vi!**

**O azul dos meus olhos viu,
O azul dos meus olhos sentiu!**

O azul dos meus olhos viu
Refletiu uma luz sem fim
Meu corpo é feito da essência
Pra tanta vida que mora em mim

Eu vi a transformação
Nas terras do litoral
Sou calmo, sou agitado,
Num dia doce no outro sal

**Preciso de gente que escute o que
clamo, (- Socorro..)
Que leve a ganancia pra longe daqui,
(- Urgente..)
Não suje a vida de tantos que amo. (-
Cuidado..)
Nasci transparente, sou o
Tramandaí!**

- *"Garibaldi, SaintLaire e o Imperador,
O seival, a canoa, o pescador,
A tainha, o boto colaborador..."*

**O azul dos meus olhos viu
O azul dos meus olhos de rio!**

*A bacia hidrográfica do rio Tramandaí, possui área de 2.980 km² e é composta por outros rios e diversas lagoas, destacam-se as lagoas dos Quadros, do Armazém e da Itapeva.

12. AQUARELA DO AMANHÃ

Ritmo: Aire de Chacarera

Cidade: Dom Pedrito/RS

Letra: Sandro Maia

Melodia: Alexson Massagão

Guitarron e vocal: Alexson Massagão

Piano e vocal: Fábio Peralta

Saxofone: Daniel Zanotelli

Percussão: Tasso Canaparro

Intérprete: Ângelo Franco

AQUARELA DO AMANHÃ

Vou pintar nosso futuro
Na aquarela do amanhã
D'onde o sol dessas manhãs
Seja afago a escuridão
Sem arder na vastidão
Além da conta, meu amigo...
Falta ozônio, que perigo!
Sobra cor de poluição

Vou pintar nosso futuro
Neste quadro de esperança
Com a pureza de criança
Na moldura desta rima
Desenhando novo clima
Primitivo e ancestral
Com seu brilho natural
E sua alma cristalina

**O inocente então contesta
E fumaça sobe ao céu
Parecendo um próprio véu
-Ilusão que se encordoa-
Pois o clima não perdoa
Tem instinto animal
Aguaceiro e vendaval
Nada disto é à toa!**

E assim neste cenário
A natureza é quem resiste
E o homem tanto insiste
Em gabar a evolução
Cava fundo na extração
E desmata a própria sorte
Pinta nacos de sua morte
Com tinta de exploração

Esta Terra é uma obra
É divina e celestial
Por favor, não leve a mal
A razão deste meu verso
Mas, por fim, eu te confesso
Que não seja utopia
Desenhar um novo dia
Aclimatado de universo.